



Vista geral do empreendimento
à noite

conceitos

QUINTA DA ROMANEIRA

Mais perto do céu...

Srs. Passageiros, iniciámos a descida. Encontramo-nos a 500m de altitude. À vossa direita, podem vislumbrar a pista de aterragem... Perdão, a Quinta da Romaneira.

Por: Mário Caeiro • Fotografia: Fernando Silva Gusmão

Acabámos de percorrer seis quilómetros, num troço empedrado, desde que atravessámos os limites da propriedade. A descida foi rápida, com cada curva a revelar novas paisagens — imaginamos nós, porque nada vemos — a noite está cerrada. 350 m de altitude. Agora à esquerda, os socos do Douro, negros da noite, dão-nos umas boas vindas tensas, as curvas e contracurvas obrigam a máxima atenção. 150 m de altitude... Vemos agora melhor: uma casa à esquerda, alpendre de luz amarela; depois duas fileiras paralelas de luminosos e intensos pontos brancos, traçados como que num desenho de duas curvas de nível paralelas... depois, ali manchas arbóreas, de cor, azuis e verdes; e ao meio reflexos rosa-lilás... o negro da noite não era suposto estar debruado a luz!?! Perdão, era, porque acabámos de chegar ao inovador projecto da Quinta da Romaneira onde, todas as noites, se acende um extraordinário projecto-luz.

CHEGAR AO SILÊNCIO LUMÍNICO

Chegámos. O negro da noite é agora ligeiramente menos negro, pontuado por focos de atenção. Acolhem-nos ao perto os pontos de luz que de lá de cima demarcavam a sua própria presença.

Aqui o acompanhar de um caminho pedonal, ali a iluminação longitudinal do eixo que liga os núcleos do empreendimento, acolá um ambiente cromático, uma fachada varrida uniformemente, e os “cachos de luz”... passear aqui vai ser assim: atravessar a noite num contínuo sobressalto de silêncio, apenas raramente entrecortado pelos passos dos invisíveis trabalhadores e suas discretas viaturas eléctricas.

Atravessamos agora a zona das casas da Quinta, guiados pelo designer de luz Fernando Silva Gusmão, que no últimos quatro anos tem dado alma e consistência aos conceitos de topo, sempre desconcertantes, que Yann Kersalé, o “homem-luz” da Bretanha, trouxe para este Douro de excelência e exclusividade.

O conceito: um projecto simultaneamente orgânico na sua implantação [face à topografia do território e sobretudo porque havia momentos visuais específicos que se queria iluminar] e feérico na sua expressão [fantasia nocturna para clientes que exigem ser surpreendidos — e satisfeitos — acima de tudo por uma absoluta atenção ao detalhe — o mesmo detalhe que permita que cada hóspede se sinta em total solidão e privacidade, ainda que acompanhado à distância pelos mais de 50

funcionários que, algures, respeitam os seus mais recônditos desejos].

NO SILÊNCIO DA NOITE...

Quinta da Romaneira, Cotas, Alijó. Investidores estrangeiros, com destaque para o francês Thierry Teyssier, desenvolvem uma iniciativa hoteleira onde dois negócios interligados dão corpo a um investimento, significativo, de mais de 30 milhões de euros: 76 ha de vinha, numa das maiores quintas da Região Demarcada do Douro; e, para o que aqui importa, duas dezenas de habitações, recuperadas e requintadamente decoradas para receber executivos de topo, turistas exigentes de classes altas e apenas raramente, muito raramente... curiosos como nós. Compreende-se: o modelo deste hotel rural de luxo é oferecer a cozinha e o design em regime de exclusividade, “alta-costura”, e total privacidade; ora, daí até à preocupação com o desenhar da noite do lugar foi o inovador passo dado pelos promotores. Esse desenho de noite da Romaneira transmuta-se na visão de Yann Kersalé, um dos maiores criadores mundiais na área da “arte da luz”, desenvolvida com a participação da Lightplan, empresa de iluminação de que Fernando Silva Gusmão é sócio-gerente. Sim-

biose que permitiu associar competências complementares, visões da Luz.

SOLUÇÕES “MÁGICAS”

O projecto-luz da Quinta é a vários títulos surpreendente, radical. No sítio, compreendemos que aqueles resultados só são obtidos quando se concebem uma série de modelos perceptivos articulados – assim lhes chama Gusmão a conceitos visuais que antecedem o projecto em si, definindo-lhe os objectivos. Com a obra praticamente concluída, notamos que houve a preocupação de que não houvesse um ponto de luz fora da sua função cenográfica, uma tonalidade fora da sua ambiência, uma forma estranha à sua função. De alguma maneira, a inovação é aqui o transfigurar de uma “noite dos tempos” numa experiência artística contemporânea, cinestésica, feita de silêncio colorido, em que as massas de cor, os reflexos, a marcação dos percursos, a funcionalidade das soluções tecno-amigáveis, convidam a – paradoxalmente e ainda bem – esquecer aquela luz tão especial para viver, sim, tão só os seus resultados mágicos e sedutores.

Isto explica-se por duas premissas evidentes: a cuidada dissimulação das fontes face aos objectos iluminados e sobretudo a opção estratégica, tomada no momento inicial e nunca abandonada, de recorrer quase em exclusivo à tecnologia LED – neste caso da OSRAM –, com as vantagens que se conhecem.

Conhecendo a exigência e a sensibilidade de um criador como Kersalé e de um projectista como Fernando Silva Gusmão, é imediata a percepção de que estamos perante soluções técnicas que unem uma filosofia sentida, absorvida, assente numa visão do mundo própria, original, genuína, ao conhecimento do “ofício” da luz, de toda gama de truques e efeitos, no que é uma disponibilidade para o projecto que ultrapassa a visão utilitarista habitual. Isso explica que na obra não haja mais de meia dúzia de luminárias de fábrica, mas antes soluções de iluminação desenvolvidas in situ, em total sintonia com a paisagem, uma paisagem-cenário que a gestão deseja artificialmente tão “natural”, ou mais, que a Natureza. Uma quase obsessão dos promotores, absorvidos num conceito convictamente aplicado em soluções de que poderíamos destacar, a título de exemplo:

– o “caminho” das latadas, eixo estruturante do projecto, com os seus “cachos de luzes” LED brancas. Não apenas iluminam o solo, mas também os seus reflexos varrem os muros adjacentes como uma névoa, dando toda a luz necessária para nos

sentirmos confortáveis e em segurança, e finalmente pontuam a atmosfera com a sua analogia simbólica com os cachos de uvas... [saber que o nível de luminância, aqui como em quase toda a quinta, é praticamente impossível de medir pelos habituais métodos de medição de lux, apenas confirma que há dois factores-chave que tornam o projecto exemplar: uma quantidade de luz mínima, associada à sua esparsa distribuição numa noite escura];

– o *intermezzo* romântico na pequena varanda-península que se debruça sobre uma curva do rio: brotam do solo pequenos arbustos-LED rasteiros, deliberadamente *kitsch*, mas que cumprem sem equívocos a novel função de criar um ambiente de sedução;

– as réguas de luz que traçam ligações entre casas, de alturas diferentes mas permitindo meticulosa distribuição da luz;

– as árvores a dois tons, “clássica” solução, esta a de colocar de um lado um projector de tons azulados e do outro verde, desenhando dinâmicas sensações de profundidade;



As réguas de luz: tubos de acrílico enterrados, iluminados do interior por LED encastrados

— ou a espécie de “estafetas de luz” com que os projectistas permitem aos Clientes usufruírem de uma total autonomia de iluminação, individual e sem fios.

Um empreendimento de “alta-costura” hoteleira como este precisava de dar uma atenção particular ao nível do projecto-luz, capaz de respeitar tanto a dimensão paisagística [de que a ausência de quaisquer fios visíveis é apenas um detalhe mais notório], como a dimensão funcional [criação de núcleos ambientais distintos, constituintes da unidade da noite transfigurada pelo artifício e o engenho]. Em três palavras: pura poesia técnica.

PROJECTO INTEGRADO

“Firmamento” é uma palavra que usamos menos que “céu”, para nomear essa condição física — e cósmica — que nos cerca e envolve. O firmamento, ao contrário do céu, pressupõe uma ideia de fechamento, de abóbada, construção divina, e essa é a “cereja no topo do bolo” do projecto. Na Romaneira, um céu negro-translúcido, “decora-



do” de luminosas constelações, “fecha” — culmina — o projecto de cá em baixo. Bela, mas sem deixar de ser tão humana na sua tentação de seduzir, a instalação estabelece com o firmamento uma poderosa noção de romântico infinito.

Pensamos, aqui, como nos anos 60 a arte desbravou esta ideia de *field work* e de trabalho in situ, da actividade artística como operação no território, a partir da ideia de integração.

Neste projecto realizado no Douro, articulam-se valores físicos incontornáveis [as limitações inerentes ao próprio programa em sentido estrito], uma leitura sensível da noite e finalmente factores de projecto que decorrem do saber e até da erudição de quem trabalha na luz há décadas.

Na Romaneira, estamos, em muitos sentidos, — mais perto do céu. O silêncio e o anonimato comprado pelos hóspedes encontra no projecto-luz o discreto *compaître* para uma noite especial e única, feita de ousadia estética. Uma vez na vida, que a alma não é pequena. ■

Os jogos de luz são uma constante na Quinta da Romaneira, criando ambientes únicos: aqui a piscina interior, em cima o alpendre



Fernando Silva Gusmão

Engenheiro e light-designer, é um apaixonado pela luz. Desenvolve na sua empresa, LIGHTPLAN – Consultores, Luminotécnica e Engenharia, Lda., uma actividade exclusivamente dedicada à elaboração de estudos e projectos no âmbito da Luminotecnia, Domótica, Energias Alternativas, Instalações de Segurança Integrada e Higiene e Segurança no Trabalho. A empresa considera duas vertentes essenciais nos projectos a desenvolver – a inovação e o desenvolvimento tecnológico. Para a consecução dos objectivos referidos, implementa ao nível dos projectos modelos tecnologicamente avançados (fibras ópticas, LED) adequados às especificidades dos ambientes a iluminar – promovendo a implantação de tecnologias luminotécnicas ecológicas no quadro do programa europeu “GREENLIGHT”, que objectivamente apresenta grandes vantagens económicas, ergonómicas e ecológicas.

www.lightplan.pt

As árvores “a dois tons”: a solução gera uma profundidade muito diversa da neutralidade verde-seco diurna. São factor de artificialidade urbana e cosmopolita

Yann Kersalé

Yann Kersalé nasceu em 1955 e utiliza a luz como outros a terra ou a pintura. Escolheu a noite, lugar de eleição do sensível, como terreno de experimentação. Elaborou centenas de projectos in situ em todo o mundo. A alguns chama-lhes “expedições-luz”. Colabora com os maiores arquitectos em obras extraordinárias – Helmut Jahn [Sony Center de Berlim], Jean Nouvel [Opera de Lyon, Torr Agbar em Barcelona] – a lista seria extensa. Inventa constantemente novos conceitos de iluminação. Objectos luminosos. “Vestiu de luz” os eléctricos de Lisboa, durante a Luzboa 2004. www.ykersale.com



“Cachos de LED” usam as próprias folhas como óptica, vertendo uma luz dinâmica e sensível, dissimulada, formal e simbolicamente, no meio natural